

III

SZFILL

Semana de Filosofia Livre

CADERNO DE RESUMOS

Expediente

Editor responsável

Marcos Deyvinson Ferreira Damacena

Conselho editorial

Allan Wolney Mesquita Santos
Igor Ferreira Fontes
Marcos Deyvinson Ferreira Damacena
Mariana Dias Pinheiro Santos

Revisores

Allan Wolney Mesquita Santos
Igor Ferreira Fontes
Mariana Dias Pinheiro Santos

Capa

Mariana Dias Pinheiro Santos

Comissão Organizadora

Allan Wolney Mesquita Santos
Daniel Montenegro Santos
Daniel Soares Silveira
Igor Ferreira Fontes
Marcos Deyvinson Ferreira Damacena
Mariana Dias Pinheiro Santos

Sumário

APRESENTAÇÃO	6
DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE A <i>BEGRIFFSSCHRIFT</i> DE FREGE E O <i>THE MATHEMATICAL ANALYSIS OF LOGIC</i> DE BOOLE	
Allan Wolney Mesquita Santos	9
AFINIDADES FRIAS DO CAPITAL: UTOPIA EM REDES ROMÂNTICAS	
Aura Danielle Dantas De Santana	10
O PENSAMENTO FILOSÓFICO EM TOBIAS BARRETO: UM ESTUDO À LUZ DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO PENSAMENTO BRASILEIRO	
Caio Gonçalves Silveira Lima, Bruno Teixeira Lins, Pedro Meneses Feitosa Neto, Prof. Dr. Ilzver De Matos Oliveira	11
MARX: UMA CRÍTICA MATERIALISTA À RELIGIÃO	
Carlos Alberto Nunes Júnior	12
O PERFIL DO DOCENTE DE FILOSOFIA EM SERGIPE: O CASO DAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS	
Prof. Dr. Christian Lindberg L. do Nascimento	13
O NEOPLATONISMO E SUPERAÇÃO DA LINGUAGEM DA METAFÍSICA CLÁSSICA	
Prof. Dr. Cicero Cunha Bezerra.....	14
O BIBLIOTECÁRIO COMO UM CENSOR NA BIBLIOTECA	
Daniel Porciuncula Dos Santos Pereira	15
ALGUMAS NOTAS SOBRE A “TANATOLOGIA EM EPICTETO”(OLIVEIRA, FERNANDA LOPES DE. A TANATOLOGIA EM EPICTETO. PORTO ALEGRE. EDITORA FI, 2018), LIVRO DA TESE DE MESTRADO DA FERNANDA LOPES DE OLIVEIRA	
Davi Fortes Silva	16
CONSIDERAÇÕES SOBRE O BELO EM PLOTINO	
Dinarte Inácio Dos Santos Neto	17
‘O POVO É COMO UM BEBÊ QUE NÃO SABE O QUE É MELHOR PARA SI’: A GOVERNANÇA SEGUNDO FRANK UNDERWOOD E BENITO MUSSOLINI	
Igor Ferreira Fontes	18
ACERCA DAS TRÊS <i>HIPÓSTASES</i> EM PLOTINO	
Isaías Silva Pereira.....	19
IDEOLOGIA E FANTASIA NA OBRA DE SLAVOJ ZIZEK	
Caderno de resumos II Semana de Filosofia Livre (SEFILL) - O Manguenzal, v.1, n.3, a.3	
- ISSN:	

Jeferson Santos	20
CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ALINHAMENTO ENTRE A OBRA HAMLET, DE WILLIAM SHAKESPEARE, E O RACIONALISMO CARTESIANO	
João Roberto Marques Cordeiro.....	21
SCHOPENHAUER, O CARÁTER E ÉTICA	
Laiane De Almeida, Priscila S. Navas.....	22
A DISTENSÃO DA RAZÃO NO “ENSAIO SOBRE O BELO” DE ANDRÉ	
Lucas Américo.....	23
OS ACONTECIMENTOS CONDUZEM OS HOMENS: UMA LEITURA DO ACONTECIMENTO EM <i>O AMANUENSE BELMIRO</i>	
Maíra Estela Santos	24
O TERROR E O HORROR EM EDMUND BURKE	
Mariana Dias Pinheiro Santos	25
O ATEÍSMO UM ANTIRRELIGIOSO?	
Marina Pereira Da Silva	26
PLOTINO CONTRA OS GNÓSTICOS: UMA ANÁLISE DA <i>ENÉADA II,9</i>	
Marks Henrik Dos Santos.....	27
NEGADORES DO HOLOCAUSTO E PSEUDOCIÊNCIA	
Matheus Cruz Santos	28
REFORMA DA PREVIDÊNCIA SOCIAL	
Prof. Dr. Olinto Silveira Alves Filho.....	29
O IMATERIALISMO DE BERKELEY E SUA CRÍTICA ÀS IDEIAS GERAIS ABSTRATAS	
Pascoal Ribeiro Dos Santos Neto	30
OS PRINCÍPIOS DE CREDULIDADE E VERACIDADE EM THOMAS REID	
Pedro Marcelo Silva Ribeiro	31
CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DAS INTERAÇÕES DA FILOSOFIA DO ESPORTE	
Prof. Dr. Renato Rocha.....	32
CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ARGUMENTO DA RAZÃO INSERTO NA OBRA MILAGRES DE C.S. LEWIS	
Thaís Cunha Cavalcanti Ferreira Cordeiro.....	33
MICHEL FOUCAULT E SÊNECA: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E SEUS MODOS DE GOVERNO	
Vilmar Prata.....	34
Caderno de resumos II Semana de Filosofia Livre (SEFILL) - O Manguezal, v.1, n.3, a.3	
- ISSN:	

A NATUREZA E A NORMA: SOBRE O PROBLEMA DO MAL EM MACHADO DE ASSIS	
Prof. Dr. Antonio José Pereira Filho	35
FILOSOFIA E TRAGÉDIA	
Prof. Dra. Cecília Mendonça De Souza Leão Santos	37
ESCLARECIMENTO, VIRTUDE, FELICIDADE EM DIDEROT: ARTE E EDUCAÇÃO	
Prof. Dra. Christine Arndt De Santana	39
INTRODUÇÃO À FILOSOFIA POLÍTICA NA MODERNIDADE	
Daniel Soares Silveira, Sizinio Lucas Ferreira de Almeida	41
INSTRUÇÕES PARA VIRAR FASCISTA	
Igor Ferreira Fontes	43
RAZÃO E SENTIMENTO NAS FILOSOFIAS MORAIS DAS LUZES BRITÂNICAS	
Prof. Dr. Marcos Balieiro	44
INTRODUÇÃO À LÓGICA MODAL PARA FILÓSOFOS	
Prof. Dr. Renato Rocha.....	45
A FILOSOFIA POLÍTICA DE JUDITH BUTLER: UM ROTEIRO DE LEITURA	
Prof. Dr. Romero Venâncio.....	46

APRESENTAÇÃO

Allan Wolney Mesquita Santos¹

Nem parece, mas já faz dois anos que um aluno ambicioso entrou na sala do CA² de filosofia para me propor que realizássemos, em conjunto, uma semana de filosofia destinada para os alunos: a Semana de Filosofia Livre. Não era uma proposta vazia, ele já tinha arquitetado as partes mais fundamentais de tal projeto, só faltando a estrutura – local, monitores, certificados. Contemporaneamente, outro aluno – desta vez, de barba castanha – idealizou a presente revista, na qual está escrita esta apresentação e os resumos da segunda edição do evento, com um nome que se torna sugestivo ao explicitar uma de suas características: o de ser uma espécie de “berçário da natureza” – ambiente em que as condições são ideias tanto para reprodução quanto para desenvolvimento de formas de vida juvenis de diversas espécies. Presto-me a narrar, neste momento, quem foram os protagonistas de tais realizações, nas quais foram – em terminologia kantiana – condições de possibilidade para a II SEFILL, dando-lhes: ações, sentidos e nomes.

O primeiro deles, o aluno ambicioso, é natural de uma pequena cidade em tamanho, mas enorme na grandiosidade de seus habitantes: Poço Verde. Apesar de uma veia musical muito acentuada, optou pela filosofia – a qual, suponho, o encantou pela extrema harmonia interna presente em todos os sistemas filosóficos audaciosos. Teve os mais diversos interesses durante a graduação: filosofia pré-socrática, filosofia do tempo, filosofia da matemática, filosofia do processo e assim por diante. Talvez seja essa diversidade de interesses que o inclinou a realizar uma semana de conferências e minicursos dos alunos sobre filosofia na qual, em seu título, existe um adjetivo característico, a saber, “Livre”. Tal adjetivo representa a abertura do evento para as mais diversas temáticas, mas também significa a abertura para que os mais diversos cursos apresentem seus pontos de vistas acerca da filosofia: o que é filosofar, como a filosofia contribui no desenvolvimento da sua área de conhecimento entre outras indagações nas quais as resposta dependam, em grande parte, da perspectiva da qual se aborda.

O segundo, o aluno de barba castanha, tal como o anterior possui interesses multifacetados, mas que podem ser aglutinados em três palavras: misticismo, matemática e filosofia. Talvez sejam passíveis de agrupamento duas delas a partir do seguinte plano: a filosofia e o misticismo são duas maneiras super racionais de dar ao mundo um sentido, a única

¹ Graduando do curso Filosofia Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe, membro discente do GEFILUFS.

² Na época, eu era presidente do Centro Acadêmico de Filosofia Livre.

coisa que elas tem de radicalmente diferente são os sistemas de expressão: a primeira narra o sentido dos estados de coisas a partir de conceitos puramente abstratos – que só podem ser visualizados quando incorporados intrinsecamente às coisas, tal como seria a relação entre forma e conteúdo (que são dois conceitos abstratos) que só podem ser visualizadas num objeto concreto (como numa cadeira por exemplo) –, já o segundo narra o sentido dos estados de coisas a partir da relação entre objetos concretos, e dessa maneira o que ocorre é justamente o contrário: a visualização do sentido já é dada sem a necessidade de incorporá-lo, mas a sua dificuldade é de outra ordem: tal sentido não pode se confundir com a relação visualizada nos estados de coisas, que por si só pode ser considerado um objeto, dessa vez, um objeto abstrato que se diferiria de um conceito por ser visualizado sem a necessidade de incorporação, pois possui propriedades “sintáticas” e “semânticas” na qual pode ser reconhecido e que dispensa qualquer corpo, o que seria mais próximo da matemática.

Assim, a questão que se impõe se remete ao sentido do ato criador da revista: qual foi a causa ou a razão que motivou o aluno de barba castanha a transformar o estado de coisas vigente a respeito da inexistência de uma revista de filosofia dos alunos? Poderíamos conjecturar, e essa é a palavra mais apropriada, em termos puramente conceituais que a motriz de sua ação foi o desenvolvimento (ou mesmo a criação) de uma produção autenticamente discente (na qual o objeto concreto é a presente revista) na instituição na qual ele se encontrava. Não me atrevo a dar tal sentido através do misticismo na presente apresentação.

No ano de 2017 foram montadas duas equipes de aspirantes a filósofos com o objetivo de materializar tais idealizações, com a ajuda de doutos tais como: Prof. Dr. Aldo Lopes Dinucci que, com a sua experiência obtida sendo o criador e editor-responsável da revista de filosofia *Prometeus*, prestou grande auxílio a respeito do que era necessário para concretizar a revista; Prof. Dr. Marcos Fonseca Ribeiro Balieiro – chefe do departamento de Filosofia naquele ano – que sempre incentivou a mobilização dos estudantes em atividades acadêmicas, ajudou com os trâmites institucionais para a realização da Semana; Prof. Dr. William De Siqueira Piauí, que contribuiu com artigos provenientes do seu grupo de estudos – o GEFILUFS – e incentivou a criação de uma identidade entre os alunos integrantes dos dois projetos; Prof. Dr. Christian Lindberg Lopes Do Nascimento, que sempre chamou a atenção para a importância das ações coletivas dos discentes a fim de que ganhassem autonomia e mobilização política, entre outros. A equipe para a realização da SEFILL daquele ano era composta por: Daniel Soares Silveira, Álex Deiwison Fiel De Andrade Candido, Daniel Montenegro Santos, Allan Wolney Mesquita Santos – o autor do presente texto –, além do já referido aluno ambicioso, o qual, por força das circunstâncias, tem que ser delimitado, no presente momento, por um nome próprio, a saber,

Marcos Deyvinson Ferreira Damacena. A segunda equipe, liderada pelo aluno de barba castanha – o qual possui o seguinte nome de batismo: Nelson Silvério de Sant’Ana Neto –, que visava a concretização da revista era composta por: Marcos Deyvinson Ferreira Damacena, Daniel Silveira Soares, Igor Ferreira Fontes, Lucas Américo Andrade Santos, Mariza Jesus Santos e Renata Ribeiro Dias.

Dois anos se passaram, é verdade. Tais protagonistas, hoje, continuam discentes, não mais da graduação, mas sim da pós-graduação. Um deles, o aluno de barba castanha, agora é professor efetivo da rede estadual da Bahia. E o outro continua tão ambicioso e envolvido em tais projetos como era no passado: agora é editor-chefe da presente revista e participa da atual comissão que efetivou a segunda edição da SEFILL composta também por: Igor Ferreira Fontes, Mariana Dias Pinheiro Santos, Daniel Montenegro Santos e Allan Wolney Mesquita Santos. Este caderno de resumos representa não só o esforço em conjunto da atual comissão, mas também de todos os nomes mencionados que colaboraram para que o evento, em sua totalidade, pudesse ser uma possibilidade altamente efetivável.

**DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE A *BEGRIFFSSCHRIFT* DE FREGE E O
THE MATHEMATICAL ANALYSIS OF LOGIC DE BOOLE**

Allan Wolney Mesquita Santos³

Resumo: Na introdução do livro *Os Primeiros Escritos Lógicos de Gottlob Frege*, Paulo Alcoforado expõe a opinião do filósofo alemão Gottlob Frege a respeito da lógica inaugurada por Boole, na qual a qualifica como ‘lógica abstrata’ – que seria algo diferente de uma conceitografia ou linguagem formular. Na presente comunicação, a partir da análise estrutural e do conteúdo dos livros: *The Mathematical Analysis of Logic* (1847) de Boole e a *Begriffsschrift* (1879); se investigará quais são, se existirem, as diferenças entre os objetivos e notações dos escritos lógicos de juventude dos dois autores que justifiquem a seguinte afirmação de Frege: “Não era meu desejo [tal como Boole] apresentar uma lógica abstrata através de formulas, mas expressar um conteúdo mediante sinais escritos de maneira mais clara e precisa do que seria possível por palavras” (ALCOFORADO, P.; DUARTE, A.; WYLLIE, G. **Os Primeiros Escritos Lógicos de Gottlob Frege**. São Paulo: IBFC Ramon Llull, 2012. p. 181).

Palavras-chaves: Begriffsschrift; Notação; Lógica; Boole; Frege.

³ Graduando do curso Filosofia Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe, membro discente do GEFILUFS. E-mail: sirrossaymons@gmail.com/sirrossaymons@hotmail.com.

AFINIDADES FRIAS DO CAPITAL: UTOPIA EM REDES ROMÂNTICAS

Aura Danielle Dantas De Santana⁴

Resumo: O trabalho propõe uma análise da racionalidade dos afetos e a ascensão do *Homo sentimental* enquanto entidade psicológica, mas também, de entidade cultural e social, sendo através de afetos que nós pomos em prática as definições culturais da individualidade, tal como se expressam em relações concretas e imediatas. A discussão possibilita um epicentro em traçar os contornos na lógica das relações econômicas a partir da racionalidade do capital afetivo, numa configuração de repertórios culturais que se embasam os mercados, e moldam as relações interpessoais e afetivas. O capitalismo afetivo realinhou as culturas dos sentimentos, tornando emocional o *Eu* econômico e os afetos se atrelam à ação instrumental. A esse controle dos sentimentos, a teoria crítica de Eva Illouz, nos traz uma noção de *intelectualização* dos laços íntimos, na esteira da indústria cultural de um ‘projeto moral’, e de trocas equitativas. Tornar-se inevitável analisarmos o *modus operandi* às afinidades frias no espelhamento subjetivante de vínculos em redes românticas, através do lócus do pensamento real e perfis de identidade, beleza e descorporificação ‘congeladas’ na internet. Convém, a interpretação da psicanálise de Lacan por Alain Miller, um percurso da análise do sujeito significante, como tal sem lugar, mas que se move com o significante, sendo sempre sua localização inequívoca, e que por outro lado, o virtual fantasia um lugar para o sujeito, um significante na gramática fantasmática utopia.

Palavras-chave: *Homo sentimental*; capital afetivo; utopia; redes românticas.

⁴ Bacharela em Psicologia CRP/SE 3500. Graduanda em Filosofia. Universidade Federal de Sergipe.

O PENSAMENTO FILOSÓFICO EM TOBIAS BARRETO: UM ESTUDO À LUZ DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO PENSAMENTO BRASILEIRO

Caio Gonçalves Silveira Lima⁵
Bruno Teixeira Lins⁶
Pedro Meneses Feitosa Neto⁷
Prof. Dr. Ilzver De Matos Oliveira⁸

Resumo: A presente pesquisa advém de um projeto realizado com o apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe. Constitui objetivo desse trabalho analisar o pensamento filosófico de um dos maiores juristas e pensadores sergipanos: Tobias Barreto, visando a disseminação do conhecimento acerca dessa importante figura e sua influência no pensamento científico nacional. Inicialmente se aborda a visão desse pensador acerca do contrato social e da formação do direito, baseando-se na concepção do lobo hobbesiano, sendo conseqüentemente um ideário baseado no positivismo jurídico, negando a visão do direito como um fenômeno divino. Segue para analisar a ideia que Tobias traz acerca do pensamento religioso, através do qual ele se desliga da corrente positivista jurídica, sendo, segundo ele, nos foi atribuída juntamente com a racionalidade, sendo intrínseco ao ser humano a existência de uma crença ou fé. A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa foi documental por se tratar de uma análise de arquivos existentes no Centro de Pesquisa do Pensamento Brasileiro – CDPB – em Salvador/BA. Conclui-se que mesmo enxergando a origem do direito e da sociedade baseada numa concepção positivista, admite o conhecimento religioso como comparado aos demais, pois deriva do mesmo esforço intelectual.

Palavras-chave: Positivismo; pensamento científico; Direito; religião.

⁵ Graduando em Direito pela Universidade Tiradentes. PIBIC/FAPITEC. E-mail: cedrocaio@gmail.com.

⁶ Graduando em Direito pela Universidade Tiradentes. PROVIC/UNIT. E-mail: brunogeamp@gmail.com.

⁷ Mestrando em Direitos Humanos pela Universidade Tiradentes. Diretor-fundador do Grupo de Estudos Pontes de Miranda. E-mail: pedro.gepm@hotmail.com.

⁸ Doutor em Direito (PUC Rio); Mestre em Direito (UFBA). Professor do Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos PPGD- UNIT na Linha de Pesquisa Direitos Humanos, Novas Tecnologias e Desenvolvimento Sustentável. E-mail: ilzver.matos@souunit.com.br.

MARX: UMA CRÍTICA MATERIALISTA À RELIGIÃO

Carlos Alberto Nunes Júnior⁹

Resumo: A Religião, na sociedade capitalista, se desenvolve através da assimilação e reprodução dos interesses e características das relações sociais que constituem o modo de produção capitalista, ou seja, ela deixa de servir ao seu “Deus celestial” o substituindo por interesses políticos e econômicos, ao mesmo tempo em que o modo de produção capitalista se apropria de elementos religiosos para poder perpetuar-se. Ambos, religião e capitalismo, utilizam da alienação e do fetichismo como ferramentas. Esse movimento duplo nos evidencia que a religião é um sintoma para podermos compreender e desmistificar o Capitalismo.

Identificaremos à crítica marxiana a religião entendendo que as diversas religiões diferem somente de modo aparente, pois essencialmente possuem o mesmo núcleo, ou seja, cada religião tem dogmas específicos, creem em deuses distintos, conseqüentemente as mais variadas formas de culto, se assemelhando enquanto busca de respostas transcendentais, o mistério e a mistificação, para problemas imanentes, assim como tem em comum o fato de canalizar os sentimentos religiosos dos que acreditam em um mesmo sentido.

Palavras-chave: Religião; Marx; capitalismo.

⁹ Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe.

O PERFIL DO DOCENTE DE FILOSOFIA EM SERGIPE: O CASO DAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS

Prof. Dr. Christian Lindberg L. do Nascimento¹⁰

Resumo: A pesquisa teve como objetivo averiguar o perfil do docente de Filosofia da rede pública estadual de Sergipe. O interesse em investigar este aspecto surge com base nos dados quantitativos da realidade sergipana, que aponta que dos 364 docentes que ministram a disciplina de Filosofia na rede estadual, aproximadamente apenas 18,95% têm formação apropriada. Esta realidade não difere da do quadro nacional, onde 21,8% dos professores têm formação específica em Filosofia. Diante do presente cenário, saber quem são estes profissionais, o que ensinam, em quais condições se ensina Filosofia e qual é a perspectiva de educação continuada deles torna-se fundamental para constituir um diagnóstico da realidade, como também para subsidiar futuras políticas públicas de educação continuada para a área. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa tabulou e analisou as informações obtidas através da aplicação de um questionário semiaberto que foi dirigido aos docentes de Filosofia.

Palavras-chave: Docente, ensino, Filosofia, formação, Sergipe.

¹⁰ Departamento de Filosofia (DFL/UFS).

O NEOPLATONISMO E SUPERAÇÃO DA LINGUAGEM DA METAFÍSICA CLÁSSICA

Prof. Dr. Cicero Cunha Bezerra¹¹

Resumo: Uma das características mais marcantes da metafísica ocidental, entendida na perspectiva formulada por Martin Heidegger de uma estrutura fundante que se expressa em uma *onto-teo-logia* desde Parmênides à Nietzsche, consiste, precisamente, em postular um princípio permanente e perdurável capaz de justificar toda a ordem do real sob o signo da universalidade congregadora de todos os sentidos. Substância, Ser, Deus, Razão, seriam, nessa perspectiva, somente variações de uma mesma concepção que, em última instância, fundou sua própria “morte” sob a imagem da crise niilista. Em que medida, portanto, o neoplatonismo supera, por primeira vez na história da filosofia, a pretensão de uma teoria global do ser e seus modos de expressão fundada em uma linguagem que define um fundamento objetivo? Uma resposta para essa questão implica em adentrarmos na originalidade do pensamento neoplatônico, desconsiderada por M. Heidegger em sua crítica, como um caminho ímpar na tradição filosófica que obriga, a quem se debruça seriamente sobre a tradição filosófica, a uma rediscussão da própria história da filosofia.

Palavras-Chaves: Plotino; Neoplatonismo; Metafísica; Linguagem; Uno.

¹¹ Professor titular de Filosofia na Universidade Federal de Sergipe. Professor dos Programas de Pós-Graduações em Filosofia, Letras e Ciências da Religião/UFS. Coordenador da Oficina de Estudos em Neoplatonismo e Filosofia Medieval.

O BIBLIOTECÁRIO COMO UM CENSOR NA BIBLIOTECA

Daniel Porciuncula Dos Santos Pereira¹²

Resumo: Esta apresentação tem como foco explorar a missão do bibliotecário como guardião da informação, o problema do acúmulo massivo de informação nessa área e se a função de censor deveria ser aderida aos bibliotecários para conter esse problema. Essa apresentação tem como base um discurso de José Ortega y Gasset sobre qual é a missão do bibliotecário, encontrado no livro “Missão do bibliotecário”, e, como complemento, um discurso dentro da obra de Hideo Kojima “Metal Gear Solid 2: Sons of Liberty” sobre informação, contexto e manipulação do conhecimento para controle de massas.

Palavras-chave: Censura; bibliotecário; contexto; informação; informação inútil.

¹² Graduando em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

ALGUMAS NOTAS SOBRE A “TANATOLOGIA EM EPICTETO”(OLIVEIRA, FERNANDA LOPES DE. A TANATOLOGIA EM EPICTETO. PORTO ALEGRE. EDITORA FI, 2018), LIVRO DA TESE DE MESTRADO DA FERNANDA LOPES DE OLIVEIRA

Davi Fortes Silva¹³

Resumo: O objetivo do livro é empreender uma reconstrução dos aspectos da tanatologia em Epicteto, isto é, o estudo da morte de acordo com as obras feitas pelo Flávio Arriano Xenofonte que são uma espécie de compilado de ensinamentos do filósofo estoico Epicteto. O método gira em torno da análise por versões disponíveis para a leitura desses escritos e a busca por compreender as consequências filosóficas da morte, o seu papel para a filosofia de Epicteto, a busca por fundamentar o que seria um suicídio virtuoso em Epicteto, dentre outras questões. Na comunicação irei apresentar alguns pormenores da filosofia de Epicteto a fim de tornar mais claro o que fundamentam alguns medos da morte, quais seus tipos e como lidar com eles influenciando-se pela visão da filosofia estoica do Epicteto segundo o trabalho da Fernanda.

Palavras-Chaves: Epicteto; Tanatologia; Estoicismo Imperial.

¹³ Estudante de Filosofia da UFS.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O BELO EM PLOTINO

Dinarte Inácio Dos Santos Neto¹⁴

Resumo: Segundo Plotino o uno, como um, é o único que se volta para ele mesmo e, sendo o único dependendo apenas de si para existir, todas as coisas originam-se dessa unidade primária e retornam para ela. Baseado na autossuficiência do Primeiro princípio, Plotino desenvolve uma concepção do cosmos como expressão da unidade absoluta anterior a toda multiplicidade. Mas como entender, seguindo a perspectiva platônica, a possibilidade de conhecimento e participação nessa unidade? O objetivo desse nosso trabalho consiste em identificar, na alma, a força do *eros* em sua relação com a beleza como princípio mediador para o conhecimento e ascensão à unidade originária.

Palavras-chave: Plotino; Eros; Beleza; Neoplatonismo; Contemplação.

¹⁴ Graduando em Filosofia (UFS). Pesquisador da Oficina de Estudos Neoplatônicos e Medievais (UFS).

‘O POVO É COMO UM BEBÊ QUE NÃO SABE O QUE É MELHOR PARA SI’: A GOVERNANÇA SEGUNDO FRANK UNDERWOOD E BENITO MUSSOLINI

Igor Ferreira Fontes¹⁵

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo comparar as visões de Frank Underwood e Benito Mussolini a respeito da função do governante; pretende-se entender, portanto, como eles compreendem qual deve ser o modo de agir do governante em relação ao povo. Durante a quinta temporada de *House of Cards*, enquanto disputava as eleições presidenciais, em uma conversa com sua esposa, Claire, Frank expõe como ele enxerga a relação entre o presidente e o povo: este é como um bebê, que não sabe o que quer e precisa de alguém que cuide dele, sendo esse alguém o governante – ou, mais especificamente, os Underwoods. Essa concepção possui semelhanças com a definição que Mussolini apresenta sobre *política*, em seu prelúdio ao livro *O príncipe* de Maquiavel: o *Duce* entende que a política é a arte de comandar as paixões dos homens, pois estes tenderiam aos seus egoísmos e não conseguiriam pensar no que é melhor para a nação. Ademais, tanto neste prelúdio quanto em outro artigo, *Forza e consenso*, além de em alguns discursos, Mussolini reforça que o governante precisará usar a força para realizar tal tarefa – um recurso também usado por Frank. Assim, ambos possuem uma postura autoritária em relação ao povo.

Palavras-chave: Governante; *House of Cards*; Mussolini.

¹⁵ Mestrando em Filosofia (UFS). E-mail: igor-fontes@outlook.com.

ACERCA DAS TRÊS HIPÓSTASES EM PLOTINO

Isaías Silva Pereira¹⁶

Resumo: A filosofia neoplatônica se estrutura em três hipóstases primeiras, o Uno (*Hén*), a Inteligência (*Nous*) e a Alma (*Psyché*). Partindo da exegese da obra de Platão, de modo especial, de *A República* e do *Parmênides*, Plotino, em suas *Enéadas*, explica o que é o Uno e como ele se relaciona com o meio sensível (multiplicidade) mediante a processão (*proódos*) e a conversão (*epistrophé*) pelas realidades segunda e terceira. Para o autor, das *Enéadas*, o Uno nada mais é do que o Bem acima de todos os bens, ou seja, o Bem em si. Tudo provém do Uno e é ele Princípio originário de tudo o que lhe é posterior (*arché*). Nosso trabalho tem como objetivo, explicitar esses conceitos, bem como, demonstrar de que modo a unidade e a multiplicidade formam uma dinâmica relacional em que ao mesmo tempo em que se diferenciam, mantém-se unidas pela força estruturante da unidade.

Palavras-chave: Plotino; Unidade; Diversidade; Neoplatonismo; Hipóstases.

¹⁶ Graduando em Filosofia (UFS). Pesquisador da Oficina de Estudos Neoplatônicos e Medievais (UFS).

IDEOLOGIA E FANTASIA NA OBRA DE SLAVOJ ZIZEK

Jeferson Santos¹⁷

Resumo: Parece-nos suspeito, hoje em dia, falar de crítica da ideologia tanto pelos acontecimentos do século passado, como a subida ao poder de regimes comunistas, quanto pelos desdobramentos teóricos que, de certa forma, tornariam o conceito de ideologia inócuo. Outro fator, que também é uma característica da nossa contemporaneidade, é o chamado cinismo, no qual reconhece-se os interesses subtendidos no discurso, mas mesmo assim continua a fazê-lo. Partindo desse ponto de vista, porém com uma visão contrária, o presente trabalho investiga o conceito de ideologia no sentido de o relacionar com elementos do conceito de fantasia na obra de Slavoj Zizek, dessa junção focalizando no conceito de fantasia ideológica. Acredita-se que este conceito possa apresentar uma nova maneira de pensar e retomar o debate acerca da crítica da ideologia.

Palavras-chave: Ideologia; fantasia; fantasia ideológica; Zizek.

¹⁷ Graduando em Psicologia, membro do grupo de pesquisa com o tema Experimentação Política da Amizade.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ALINHAMENTO ENTRE A OBRA HAMLET, DE WILLIAM SHAKESPEARE, E O RACIONALISMO CARTESIANO

João Roberto Marques Cordeiro¹⁸

Resumo: A obra Hamlet, de William Shakespeare, filosoficamente, apresenta um alinhamento com o racionalismo cartesiano e com o existencialismo. O conflito referente ao famigerado solilóquio do “ser ou não ser” é alicerçado sobre dois pilares, o da existência – no tocante à dual possibilidade da eterna existência do ser e a extinção do existir com a morte no plano material; e o da acessibilidade à verdade – referente à possibilidade de se chegar à conclusão racional acerca da existência ou inexistência da vida após a morte, bem como a possibilidade de reivindicação dessa assertividade acerca da verdade. Descartes traz a verdade como um problema filosófico, enquanto que Shakespeare, em Hamlet, traz um dilema filosófico existencial acerca da verdade. A verdade importa e, para o protagonista, no referido solilóquio, o conhecimento acerca desta verdade representa um elemento determinante para a decisão do personagem acerca do seu futuro. Aqui a verdade não é banalizada, negligenciada ou mesmo relativizada, a ela é dado destaque e importância central, ao ponto de a ignorância acerca desta determinar um desvio na rota outrora planejada pelo protagonista da trama. Destarte, a presente comunicação visa a exposição de resultados de pesquisa referentes ao alinhamento da referida obra com o racionalismo cartesiano.

Palavras-chave: Hamlet; racionalismo; Cartesiano.

¹⁸ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Sergipe.

SCHOPENHAUER, O CARÁTER E ÉTICA

Laiane De Almeida¹⁹
Priscila S. Navas²⁰

Resumo: O presente estudo é parte de uma pesquisa em desenvolvimento cujo escopo é discutir a ética schopenhaueriana a partir da leitura de “Os aforismos para sabedoria de vida”. O filósofo alemão divide sua ética em duas linhas: (i) metafísica; (ii) empírica. A segunda, alvo de nosso interesse maior, pode ser observada em “Os aforismos” como uma espécie de eudemonologia, conjunto de ações para um viver feliz. Tal divisão parece antagônica quando colocada frente ao pessimismo do pensamento de Schopenhauer, entretanto, ela tem como suporte o estatuto da vontade, o que desfaz a contraposição levando em conta também o antagonismo. O material de interpretativo do nosso estudo seja em “Aforismos”, seja em “O Mundo” foi produzido através da metodologia de leitura estrutural.

Palavras-chave: Schopenhauer; ética; eudemonologia.

¹⁹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe. Participante do PIBIC no projeto “Schopenhauer, o caráter e a ética” sob orientação do professor Bruno Martins Machado.

²⁰ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe. Participante do PIBIC no projeto “Schopenhauer, o caráter e a ética” sob orientação do professor Bruno Martins Machado.

A DISTENSÃO DA RAZÃO NO “ENSAIO SOBRE O BELO” DE ANDRÉ

Lucas Américo²¹

Resumo: O objetivo desta comunicação é demonstrar que há, em André, uma distensão da razão para tratar do Belo por conta da dificuldade inerente à natureza da questão. No *Ensaio sobre o Belo*, este filósofo francês pretende desenvolver uma disciplina cujo sistema seria capaz de compreender em que consiste o Belo. Ou seja, trata-se de um método que auxilia a razão na análise do Belo. André divide-o em dois territórios: o Belo sensível e o Belo inteligível. Além da dificuldade inerente à questão, esta divisão é efetuada porque o Belo só pode ser considerado no espírito ou no corpo. Porém, só a razão possui a capacidade de percebê-lo: o Belo inteligível é percebido pela razão atenta às ideias do espírito puro; e o Belo sensível é percebido pela razão atenta às ideias que ela recebe dos sentidos. É justamente pela divisão do Belo em territórios que a razão se distende para alcançar esta ideia em suas expressões particulares.

Palavras-chave: Razão; Belo; André.

²¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

OS ACONTECIMENTOS CONDUZEM OS HOMENS: UMA LEITURA DO ACONTECIMENTO EM *O AMANUENSE BELMIRO*

Maíra Estela Santos²²

Resumo: Publicado em 1937, o romance do escritor mineiro Cyro dos Anjos, *O amanuense Belmiro*, apresenta uma abordagem intimista dos dramas humanos através das confissões feitas pelo narrador e protagonista da trama em seu diário particular. A organização da narrativa, sustentada pelos eventos cotidianos que surgem na vida do burocrata lírico, permite uma leitura da obra a partir do conceito filosófico de acontecimento, visto que, na sequência dos capítulos, algo de inesperado, surpreendente, acontece, causando efeitos que se chocam e se desdobram ao longo da trama. O objetivo do artigo, portanto, é desvendar como o referido romance consegue evidenciar a presença do acontecimento no percurso existencial e reflexivo do personagem central. Para sustentar tal análise, utilizar-se-ão as abordagens sobre o acontecimento dos filósofos Gilles Deleuze (1974) e Slavoj Žižek (2017). Tal percurso permitirá o entendimento de como a obra de arte literária conjuga-se à filosofia ao abordar também a noção de acontecimento.

Palavras-chave: *O amanuense Belmiro*; acontecimento; cotidiano; existência.

²² Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. E-mail: estelamaira17@yahoo.com.br.

O TERROR E O HORROR EM EDMUND BURKE

Mariana Dias Pinheiro Santos²³

Resumo: A partir de *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*, de Edmund Burke, é possível perscrutar distinções a respeito da natureza do horror e do terror, e se estes são ou não capazes de gerar o sublime. Ora, se este é "a emoção mais forte que o espírito é capaz de sentir", e é tudo aquilo que incita deleite ("a sensação que acompanha a eliminação da dor ou do perigo"), de que forma as sensações anteriormente citadas poderiam ou não atingir o sublime? Esse é o tema sobre o qual versará o texto.

Palavras-chave: Imaginação; horror; terror; sublime; deleite.

²³ Graduanda do segundo período do curso de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), orientanda do Prof. Dr. Marcos Balieiro.

O ATEÍSMO UM ANTIRRELIGIOSO?

Marina Pereira Da Silva²⁴

Resumo: Sabemos que a fama do ateísmo é de longe ruim. O movimento é historicamente definido de forma negativa, até mesmo em sua forma etimológica. Considerado como sombrio, maléfico e ameaçador, dá ainda a carga de juízos ruins aos seus simpatizantes, por vezes considerados como pessoas tristes, pessimistas, amorais e antirreligiosas. O que nos faz questionar: a crença ateísta é de fato essa caricatura do mal que os religiosos acreditam?

O texto em questão tem a pretensão de esclarecer essa cultura que foi criado em torno do movimento. Para tanto, não será preciso muita coisa além do que já vem sendo dito pelos intelectuais do tema. Iremos esclarecer o significado do ateísmo, a ética ateísta, sua relação com as crenças religiosas, tanto monoteístas, como politeístas, e por fim explicar porque o ateísmo não é antirreligioso. Sempre usando como base teórica o livro *Ateísmo uma breve introdução*, de Julian Baggini.

Palavras-chave: Antirreligioso; ateísmo; moral; Deus.

²⁴ Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

PLOTINO CONTRA OS GNÓSTICOS: UMA ANÁLISE DA *ENÉADA II,9*

Marks Henrik Dos Santos²⁵

Resumo: Uma das questões centrais, quando nos deparamos com a história da filosofia, em particular, com o neoplatonismo, consiste na resistência crítica ao pensamento gnóstico. Plotino, defensor da filosofia e convencido de que os gnósticos não a entenderam, desenvolve sua argumentação na *Enéada II, 9* contribuindo, graças a sua recepção pela filosofia e teologia cristãs, para uma vasta tradição que terá no gnosticismo um aliado, mas, em muitos aspectos, um inimigo teórico. Este artigo tem, portanto, os objetivos de fornecer uma definição, uma introdução geral ao Gnosticismo e uma explicação sistemática do tratado 9, *Contra os Gnósticos*, presente na *Enéada II* de Plotino. Para tantos, nos deteremos, além da *Enéada* supracitada, nos trabalhos interpretativos de H. Puech, R. Ullmann, dentre outros.

Palavras-chave: Plotino; Gnósticos; *Enéada*.

²⁵ Graduando em Filosofia (UFS). Pesquisador da Oficina de Estudos em Neoplatonismo e Filosofia Medieval (UFS).

NEGADORES DO HOLOCAUSTO E PSEUDOCIÊNCIA

Matheus Cruz Santos²⁶

Resumo: O professor Michael Shermer é famoso por ser um cético ativista, fundador da revista *Skeptic Magazine* e da organização *Skeptics Society*. Autor de diversos livros onde trata de assuntos como pseudociência e crenças. Ele é um grande divulgador do pensamento crítico e científico. A resenha aqui apresentada trata de apenas uma parte do seu livro “Por que as pessoas acreditam em coisas estranhas”, que seria a parte 4 onde trata de pseudo-história e os negadores do Holocausto. A ideia é explicar os pontos que se considera principais, que são: o uso da liberdade de expressão e as estratégias dos negadores; quem são os negadores e como podemos afirmar que o holocausto aconteceu.

Palavras-chave: Holocausto; pseudociência; pensamento científico.

²⁶ Graduando do curso Filosofia Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: matheusskateallday@hotmail.com.

REFORMA DA PREVIDÊNCIA SOCIAL

Prof. Dr. Olinto Silveira Alves Filho²⁷

Resumo: A ideia de que sem a reforma da previdência o país quebra **é falsa**. Com efeito, a dinâmica econômica não tem relação direta com a previdência social, mas com o crescimento econômico – investimento público e privado, geração de emprego e renda. Ajuste fiscal é um balanceamento entre receitas e despesas; de maneira que focar só nas despesas é um erro grosseiro. **Uma parte das receitas da previdência** dependem da massa salarial (cerca de dois terços). A **outra parte** vem do faturamento das empresas. Por sua vez, a **Previdência Rural** é um benefício típico da seguridade social (**Previdência Rural e Benefício de Prestação Continuada**) e seu financiamento tem como fontes a COFINS, a CSLL, o PIS/PASEB, a Contribuição de Receitas de Concursos etc. Então, como o governo constrói o alegado déficit? Calculando apenas as contribuições do **empregado e do empregador**. O governo, portanto, alega que o atual déficit da previdência vai gerar um prejuízo de 1 trilhão de reais para os próximos dez anos (100 bilhões por ano). Se tomarmos os Juros da Dívida Pública, temos 400 bilhões de reais por ano; se tomarmos as Isenções Fiscais do Governo Federal, temos mais 450 bilhões; se tomarmos ainda as Sonegações, teremos mais 500 bilhões totalizando 1,35 trilhão de reais por ano.

Palavras-chave: Reforma da Previdência; déficit da Previdência; crescimento econômico; financiamento da Previdência rural e urbana.

²⁷ Professor Adjunto do Departamento de Economia da UFS – Doutor em Sociologia pela UFS.
olinhoss@gmail.com

O IMATERIALISMO DE BERKELEY E SUA CRÍTICA ÀS IDEIAS GERAIS ABSTRATAS.

Pascoal Ribeiro Dos Santos Neto²⁸

Resumo: Desenvolvido por George Berkeley, o imaterialismo é um sistema metafísico que se opõe à tradição moderna e a muitos dos antigos, pois afirma que a *matéria* não existe. Essa filosofia se compromete em derrubar aquilo que serviria como pilar para toda a Filosofia Natural e a todas as outras áreas do saber, a doutrina das *ideias gerais e abstratas*; estas, segundo o autor, são o motivo pelo qual muitos homens de saber caíram nas mais diversas contradições e paradoxos, sendo levados a um “ceticismo desesperado” e ao ateísmo. Berkeley não tem por objetivo colocar em dúvida a existência física dos objetos sensíveis, mas sim da *matéria*. Mostrarei nesse trabalho alguns argumentos que sustentam a doutrina imaterialista, iniciando com a crítica às *ideias gerais abstratas*, que, segundo Berkeley, é uma das maiores causas dos problemas em que se envolvem quase todas as filosofias; em seguida, o que são os objetos sensíveis do mundo, isto é, as ideias, e como podem ser apreendidas; o ser que as percebem, sendo esse o espírito, ou a mente, que são as substâncias nas quais as ideias subsistem; algumas críticas do autor ao materialismo, defendendo que a substância material é contraditória em si mesma, e às qualidades primárias, mostrando que elas não podem ser separadas das secundárias e que portanto, não podem existir em uma substância que seja incapaz de percebê-las.

Palavras-chave: Imaterialismo; Berkeley; Metafísica; Idealismo Subjetivo.

²⁸ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

OS PRINCÍPIOS DE CREDULIDADE E VERACIDADE EM THOMAS REID

Pedro Marcelo Silva Ribeiro²⁹

Resumo: O presente estudo tem o propósito de descrever e analisar o destaque que Thomas Reid (1710-1796) apresenta sobre a importância do papel do testemunho no processo de formação e justificação de crenças. Fazendo contraposição aos demais filósofos de sua época, Reid acusa os demais intelectuais de dedicarem exclusivamente seus esforços às “operações mentais individuais” num esquema lógico de “apreensão”, “julgamento” e “raciocínio”. Reid destaca a importância das “operações mentais sociais” que pressupõe relação entre diferentes agentes cognitivos. Diante desses aspectos, pretende-se analisar através das obras “Essays on the Intellectual Power of Men” e “Inquiry into Human Mind” os princípios de credulidade e veracidade que sintetizam a analogia feita por Reid entre “o testemunho dado pela natureza aos nossos sentidos” e o “testemunho humano dado pela linguagem”.

Palavras-chave: Epistemologia; testemunho; justificação; credulidade; veracidade.

²⁹ Graduado em Filosofia – UFS.

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DAS INTERAÇÕES DA FILOSOFIA DO ESPORTE

Prof. Dr. Renato Rocha³⁰

Resumo: Nesta comunicação divide-se em duas partes. A primeira, de caráter introdutório e geral, apresento exemplos de questões filosóficas que surgem na interação entre a Filosofia e o Esporte, que veio a se caracterizar como a área conhecida como Filosofia do Esporte. Estas interações envolvem, por exemplo, questões relacionadas a ética, epistemologia e a filosofia da mente. Na segunda parte, discuto um caso específico da Filosofia da Corrida que pode oferecer um indício relacionado aos problemas da Filosofia da Mente. A partir da perspectiva de que um certo estado mental alcançado em determinadas práticas esportivas pode servir como um argumento para apoiar um certo tipo de dualista acerca da existência da mente e do corpo, enquanto substâncias distintas.

Palavras-chave: Filosofia do esporte; corrida; dualismo mente-corpo.

³⁰ Departamento de Filosofia (DFL/UFS).

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ARGUMENTO DA RAZÃO INSERTO NA OBRA MILAGRES DE C.S. LEWIS

Thaís Cunha Cavalcanti Ferreira Cordeiro³¹

Resumo: Na obra Milagres, de C.S. Lewis, o autor apresenta vários encadeamentos lógicos que levam à compreensão concernente à possibilidade de justificação racional da existência do evento “milagre”. Para tanto, Lewis utiliza como primeira base de desenvolvimento lógico o argumento da razão.

A presente comunicação tem por objeto a apresentação dos resultados de pesquisa quanto ao referido argumento da razão trazido por C.S. Lewis, o qual se vale da filosofia analítica para desenvolvê-lo.

Dentro das argumentações filosóficas desenvolvidas, o autor estabelece como um dos arcabouços lógicos a racionalidade originada na própria Razão, concebendo que a Razão, apesar de associar-se à Natureza, não é um elemento constitutivo desta, sendo incapaz de produzir um pensamento racional, posto que uma linha de pensamento perde toda a sua racionalidade no momento em que se apresenta como resultado de causas não racionais. Assim, sendo o critério de validade do pensamento racional a sua própria origem na Razão, a racionalidade humana não poderia ter sua origem na Natureza, mas sim em alguma outra Razão primeira, qual seja uma Razão Sobrenatural.

Palavras-chave: Razão; milagres; naturalismo; sobrenaturalismo.

³¹ Mestranda em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Sergipe.

MICHEL FOUCAULT E SÊNECA: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E SEUS MODOS DE GOVERNO

Vilmar Prata³²

Resumo: Trago a proposta de discussão sobre a problematização do sujeito e seus modos de governo em Foucault, sobretudo em suas obras a partir de 1980, tais como *Hermenêutica o Sujeito*, *O governo de si e dos outros* e a *História da Sexualidade I, II e III*, trabalhos seminiais nos quais Foucault reconfigura sua leitura sobre o pensamento de Sêneca, considerando *Consolação à Marcia*, *A vida feliz*, *A tranquilidade da alma e a vida retirada* e *Cartas a Lucíolo*. Para tanto, de um lado, proponho, aqui, um percurso baseado na questão filosófica de Foucault relacionada à constituição do sujeito a partir da prática de si, enfatizada em direção a três modos muito caros ao filósofo francês: o sujeito, o poder e o governo; para, então, de outro, identificar e verificar os deslocamentos que Foucault faz do pensamento de Sêneca para a formação do sujeito, face, primeiro, a um jogo de poder-verdade, e, segundo, ao saber e às práticas de governo de si frente ao governo do outro. Sob essa perspectiva, Foucault reafirmará e apresentará como resultados, técnicas de si que tendem a uma série de direcionamentos conceituais, à medida em que abrem vias para o exercício da prática de si por meio do governo do outro.

Palavras-chave: Foucault; Sêneca; Sujeito; Poder; Governo.

³² Doutorando em Filosofia – UFS

A NATUREZA E A NORMA: SOBRE O PROBLEMA DO MAL EM MACHADO DE ASSIS

Prof. Dr. Antonio José Pereira Filho³³

Resumo: Grosso modo, pode-se dizer que Machado de Assis revisita o tema do mal em todas as suas facetas filosóficas, a saber: o mal natural (ou metafísico), o mal social e o mal moral. O assim chamado mal natural, só para dar um exemplo, é representado alegoricamente no Capítulo VII (o *Delírio*) de *Memórias póstumas de Brás cubas*. Ali, vemos a figura da Natureza ou Pandora apresentada como “mãe e inimiga”: mãe, porque é doadora da vida (é *matrix*), mas se trata de uma mãe maligna, porque não fornece a beatitude (não é *beatrice*) e, por isso, não é benevolente. Nesse sentido, a natureza, na perspectiva machadiana, assim como na de Schopenhauer e Giacomo Leopardi, autores que o influenciaram, não possui finalidade alguma, a não ser o único propósito de perpetuar o “querer viver” e, com isso, conservar “o legado de nossa miséria”. Dada condição finita do ser humano e a infinitude dos seus desejos, para Machado, sempre iremos oscilar entre a posse e a frustração, entre o prazer e a dor, entre o ser e o nada, pois a fome, a sede e o sexo – desejos naturais que estruturam e movimentam as paixões – nunca poderão ser plenamente satisfeitos, pois a natureza nos obriga sempre a recomeçar a luta pela auto-conservação, enquanto o tempo lascivo nos alimenta e corrói. Nesse sentido, a natureza nos impele a desejar sempre e diante da força das paixões, a razão e a liberdade são limitadas e impotentes, embora nossa condição demasiado humana, civilizada, se define pela capacidade de reprimir as paixões e, como isso, fundar e tornar possível a ordem social, política e moral. Contudo, na perspectiva de Machado, a sociedade não nos põe a salvo das ilusões de Pandora, pois lutamos uns contra os outros e, antes de sermos tragados pela “voluptuosidade do nada”, cada um de nós se gaba de ter colhido batatas ou amores inúteis e, como a natureza não nos dotou com garras e chifres, para sobreviver em nosso meio, usamos o ardil do mérito e da máscara.

Ora, é justamente nesse ponto que a crítica machadiana se divide: Roberto Schwartz, por exemplo, vê em Machado um autor que ironicamente põe na boca dos seus narradores o discurso da desfaçatez de classe, típica de uma elite que mistura darwinismo social e pessimismo filosófico e, assim, essa elite, tão bem representada na figura de Brás Cubas, acredita justificar ou *naturalizar uma condição histórico-social tida por ela como insuperável*. Já Alfredo Bosi, embora veja em Machado um crítico do seu tempo e um fino analista da situação local, não deixa de apontar para o conteúdo universal ou “filosófico” de sua obra, sobretudo por sondar o lado subterrâneo da alma humana. Entre as duas perspectivas, penso que seja possível adotar uma terceira via. Trabalharemos com a hipótese de que o mal metafísico ou natural, no caso de Machado, parece ser um problema que não se resolve, ele apenas muda de endereço, e ora permeia exteriormente a vida social e política, como vemos, por exemplo, no conto *Pai conta Mãe*, que trata das condições da escravidão no Brasil, ora o mal se instala nas profundezas da alma sob a forma de um “demônio interior”, que, visto sob o ângulo sexual, não raro veste a capa do perverso, do vampiro, do *voyer* ou do sádico (como vemos em contos como a *Causa secreta e D. Paula*). Em suma, a meu ver, as três facetas do mal (natural, social e moral) estão interligadas na obra de Machado, e seus textos enfatizam às vezes um, às vezes outro aspecto, sempre de modo ambíguo, sedutor e sutil.

Palavras-chave: Natureza; Norma; Mal.

³³ Departamento de Filosofia (DFL/UFS).

TÓPICOS DO MINICURSO:

A) O MAL EM MACHADO DE ASSIS - ESBOÇO GERAL (PRIMEIRO DIA)

- 1) Apresentação da estrutura do problema do mal em seus três pontos fundamentais: o mal natural, o mal social e o mal moral.
- 2) Discussão da bibliografia em torno do assunto
- 3) Leitura e análise dos seguintes textos: I) O capítulo VII (*O Delírio*) do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas II) Adão e Eva (Conto)*

B) O MAL MORAL EM MACHADO DE ASSIS E SADE (SEGUNDO DIA)

- 1) Aproximações e diferenças entre Sade e Machado
- 2) Leitura do conto *A causa Secreta*
- 3) Considerações sobre o narrador machadiano e as várias camadas de significação do texto

C) O MAL NATURAL E O MAL MORAL NO CONTO D. PAULA (TERCEIRO DIA)

- 1) Introdução à questão do duplo
- 2) O mal, o tempo e a memória
- 3) Análise do conto *D. Paula*

D) EM TORNO DO MAL SOCIAL E DO CINISMO ILUSTRADO (QUARTO DIA)

- 1) Acerca de uma crônica Machadiana
- 2) O mal social (e político) é um "mal necessário"?
- 3) Análise do *Conto do Pai Contra Mãe*

Quantidade de horas necessárias: 8 horas.

OBS: para participar desse minicurso é fundamental a leitura previa dos seguintes contos: Adão e Eva; A causa secreta; D.Paula; Pai contra mãe. Os contos estão disponíveis na plataforma de domínio público na internet. Demais referências bibliográficas serão repassadas durante o minicurso.

FILOSOFIA E TRAGÉDIA

Profa. Dra. Cecília Mendonça De Souza Leão Santos³⁴

Resumo: O minicurso se dedica a explicar e contrapor as teorias filosóficas acerca das relações entre literatura, verdade e moralidade conforme desenvolvidas na antiguidade grega e na Europa moderna. A exposição é dividida em duas etapas dedicadas a explorar o relacionamento entre a filosofia e o drama trágico como gênero literário privilegiado em dois momentos da história do pensamento ocidental sobre arte poética. Os dois primeiros encontros tratam da ancestral disputa entre discurso poético e discurso filosófico no seio da filosofia clássica. Tomaremos como ponto de partida os conflitos entre a poesia homérica e a filosofia platônica; em seguida apresentaremos os conceitos centrais da poética aristotélica que se tornaram paradigmáticos na história das perscrutações filosóficas sobre obras literárias. Os dois últimos encontros objetivam expor a concepção de tragédia elaborada por Hegel, articulando as distinções entre as manifestações do gênero na antiguidade e na modernidade. Ao situar a função da exegese de “Antígona” na sistematização do pensamento estético hegeliano, também é possível elucidar como a construção moderna da subjetividade incutiu mudanças significativas no drama trágico, conforme atestam as obras de Shakespeare e Goethe. Por fim, abordaremos as conexões entre as filosofias do trágico engendradas na Grécia e na Alemanha a partir de “O nascimento da tragédia”, sem dispensar o exame das críticas feitas pelo próprio Nietzsche no prefácio da edição de 1886.

Palavras-chave: Tragédia; Filosofia; Literatura

Carga horária: 8 horas

Cronograma das atividades

Primeiro dia (2 horas):

- a) A poesia épica de Homero e a paideia grega
- b) Leitura de trechos selecionados: “Odisseia”
- c) Platão e a crítica aos poetas: a problemática da verdade na arte
- d) Os perigos do drama trágico: paideia e moralidade

Segundo dia (2 horas):

- a) Conceitos centrais da teoria da tragédia aristotélica: *mimesis*, *harmatia*, *katharsis*.
- b) Exegese de “A trilogia tebana” de Sófocles

Terceiro dia (2 horas):

- a) O sistema hegeliano de classificação das artes e a supremacia da arte poética
- b) Conflito e conciliação no drama trágico: aspectos éticos
- c) Exegese de “Ifigênia em Tauride” de Goethe

Quarto dia (2 horas):

- a) A origem da tragédia segundo Nietzsche
- b) Da gênese à dissolução da tragédia grega: verdade artística x verdade filosófica
- c) As possibilidades de recuperação da unidade do trágico além de “O nascimento da tragédia”

Bibliografia:

Primária:

PLATÃO. **O banquete**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2011.

³⁴ Departamento de Filosofia (DFL/UFS).

- _____. **A República**. Tradução de Daniel Alves Machado. Brasília: Editora Kiron, 2013.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2011.
- HEGEL, G. W. F. **Cursos de Estética**. São Paulo: Edusp, 2001/2006.
- NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- HOMERO. **Odisséia**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril, 1978.
- SÓFOCLES. **A Trilogia Tebana**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.
- GOETHE J. W. **Ifigênia em Táuride**. São Paulo: Hans-Staden-Institut, 1964.
- Auxiliar:*
- MARTINS, Joaquim B. **Da literatura à filosofia: 80 textos com comentários**. São Paulo: Fesan, 1984.
- MACHADO, Roberto. **O nascimento da tragédia: de Schiller a Nietzsche**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- _____. **Zaratustra: tragédia nietzschiana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- NIETZSCHE, F. **A Filosofia na idade trágica dos gregos**. Lisboa: Edições 70, 1987.

ESCLARECIMENTO, VIRTUDE, FELICIDADE EM DIDEROT: ARTE E EDUCAÇÃO

Profa. Dra. Christine Arndt De Santana³⁵

Resumo: O que se pretende neste minicurso é apresentar a relação necessária entre a Arte e a Educação no pensamento do autor do *Sobrinho de Rameau*, com a finalidade de demonstrar o quão importante foi este tema e como ele não somente está presente como é recorrente no conjunto dos escritos diderotianos. Para que seja possível compreender tal relação, é imprescindível, em um primeiro momento, a compreensão acerca da mudança de paradigma ocorrida no “Século da pedagogia”, partindo da educação proposta pelos Jesuítas ao projeto de educação encampado pelos *Philosophes*, para que se possa debruçar, após o entendimento sobre esta mudança de perspectiva na educação, no pensamento pedagógico de Diderot, tendo como norte para esta análise o *Plano de uma Universidade*, que expõe as características e os princípios diretores da instrução pública. Em um segundo momento, analisar-se-á o porquê da necessidade de se sacrificar a bela página à bela ação, quando se pretende colocar a moral em prática, assim como o Realismo *avant la lettre* em Diderot e as implicações geradas a partir disso: “Seria melhor dar-lhe exemplos que definições”. Ou seja, analisar-se-á o *Elogio a Richardson* e as *Conversas sobre o Filho Natural*, duas poéticas que estão a serviço da relação necessária anunciada acima, para que se possa compreender o motivo que levou o filósofo aqui analisado a escrever poéticas. A arte é um instrumento eficaz na formação do ideal humano, pensado no século XVIII por alguns dos *Philosophes*. Diderot, ao indicar a necessidade de tornar as artes mais próximas da “verdade da natureza”, isto é, ao encampar mudanças via as poéticas e os textos literários e dramático que escreveu, tendo como finalidade tornar as artes mais realistas, mais próxima dos leitores/espectadores, pretende fazer com que as artes possibilitem a formação do ser humano esclarecido e virtuoso, ou seja, aquele instruído nas ciências e dotado de valores morais que o orientem em suas ações. Nesse sentido, Diderot pretendeu, ao encampar as reformas que revolucionaram, no que respeita a este minicurso, a Literatura e o Teatro em sua época, estabelecer a união das qualidades do esclarecido (sábio) e as qualidades do virtuoso (bom) em um mesmo ser humano, pois, assim, formar-se-ia um ser esclarecido. Ao pensar sobre o Esclarecimento e em como alcançá-lo, o *Philosophe* entende que as artes possuem um poder pedagógico eficaz pois possibilita consolidar uma educação estética, única capaz de unificar as duas qualidades - do esclarecido e do virtuoso - em uma mesma pessoa.

Palavras-Chave: Diderot; Moral; Arte; Educação; Esclarecimento.

Carga Horária do Minicurso: 08 horas.

Carga Horária Mínima: 06 horas (corresponde a 75% da frequência)

Cronograma:

14/03/2019 – Apresentação do programa do minicurso.

A educação no “Século da pedagogia” dos Jesuítas aos *Philosophes*: uma mudança de paradigma.

Diderot, *le Philosophe* pedagogo.

A Filosofia da educação diderotiana.

O *Plano de uma Universidade*: as características e os princípios diretores da instrução pública.

³⁵ Departamento de Teatro (DTE-UFS)

15/03/2019 –Sacrifício da bela página à bela ação: Diderot coloca a moral em prática.

Realismo diderotiano *avant la lettre*.

“Seria melhor dar-lhe exemplos que definições”: o *Elogio a Richardson* e as *Conversas sobre o Filho Natural*.

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA POLÍTICA NA MODERNIDADE

Daniel Soares Silveira³⁶
Sizínio Lucas Ferreira de Almeida³⁷

Resumo: A política é um tema comumente discutido por filósofos de vários períodos. Platão (428/7-348/7 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.) discutiram a respeito da natureza do poder político e do modelo ideal de Estado para os homens. No início da modernidade há uma quebra no paradigma no que diz respeito a visão de como a política era e deveria ser exercida. Um dos protagonistas dessa mudança é, sem dúvidas, Nicolau Maquiavel (1469-1527), introduzindo o assim chamado realismo político. De qualquer modo, em um período de emergência dos Estados-Nações modernos e da burguesia, as discussões políticas se acentuavam. Este minicurso tem por objetivo introduzir os ouvintes há algumas das principais questões da filosofia política na modernidade, sobretudo dos autores comumente designados como contratualistas, tais como Thomas Hobbes (1588-1679), John Locke (1632-1704) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Para cumprir esse objetivo, faremos uma breve introdução histórica e, após isso, analisaremos algumas das principais obras políticas de Hobbes, Locke e Rousseau.

Palavras-chave: filosofia política; Hobbes; Locke; Rousseau.

Programa:

- I** – Introdução à filosofia política na antiguidade;
- II** – Introdução à filosofia política na modernidade;
- III** – Hobbes e o **Leviatã**;
- IV** – Locke e o **Segundo tratado sobre o governo**;
- V** – Rousseau e o **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**.

Bibliografia básica:

- HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Abril Cultural, 2004. (C. Os Pensadores).
LOCKE, J. **Dois tratados sobre o governo**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
ROUSSEAU, J-J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

Bibliografia recomendada:

- ARISTÓTELES. **A política**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
BARROS, Alberto Ribeiro Gonçalves de. **Republicanism inglês: uma teoria da liberdade**. São Paulo: Discurso Editorial, 2015.
BECKER, Evaldo. **Política e linguagem em Rousseau**. São Cristóvão: Editora UFS, 2016.
CÍCERO, Marco Túlio. **Da república**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
DUNN, John. **Locke**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. (C. mestres do pensar).
HOBBS, Thomas. **Do Cidadão**. Tradução, apresentação e notas de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
HUISMAN, Denis. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
LASLETT, Peter. Introdução. In: LOCKE, J. **Dois tratados sobre o governo**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. pp. 01-193.
LOCKE, J. **Carta sobre a tolerância**. Lisboa: Edições 70, 1987.

³⁶ Mestrando em Filosofia (UFS).

³⁷ Doutorando em Filosofia (UFS).

- LOCKE, J. **Ensaio político**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- MELLO, Leonel. **John Locke e o individualismo liberal**. In: Os clássicos da política. Francisco C. Weffort (Org) – São Paulo: Editora Ática, 2006. P. 79-89.
- NASCIMENTO, Milton Meira do. **A farsa da representação política**. São Paulo: Discurso Editorial, 2016.
- NASCIMENTO, Milton Meira do. Rousseau: da servidão à liberdade. In: **Os clássicos da política**. Francisco C. Weffort (Org.) – São Paulo: Editora Ática, 2006.
- RIBEIRO, R. **A Filosofia política na história**. In: Filosofia política 2. Porto Alegre: LPM&M editores, 1985, p. 117-126.
- SANTOS, A.C. **Entre a cruz e a espada**: reflexões filosóficas sobre a religião e a política. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.
- SILVA, S. H. **Robert Filmer, John Locke e a controvérsia sobre a origem e a extensão da autoridade política**. In: História e política no pensamento moderno. Antônio José Pereira Filho e Marcos Ribeiro Balieiro (Orgs.) – Porto Alegre: Redes Editora, 2013. P. 33- 47.
- SILVA, S. H. **Tolerância civil e religiosa em John Locke**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.
- TULLY, James. **A discourse on property John Locke and his adversaries**. New York: Cambridge University Press, 1980.

INSTRUÇÕES PARA VIRAR FASCISTA

Igor Ferreira Fontes³⁸

Resumo: O objetivo desse minicurso é permitir reconhecer um discurso e comportamento fascistas e distingui-los do democrático. O principal referencial deste minicurso é a comunicação *Istruzioni per diventare fascista*, feita pela escritora Michela Murgia no evento *Repldee* em 9 de junho de 2018. Contudo, antes de adentrar na fala de Michela, pretende-se primeiro analisar alguns discursos e textos de Benito Mussolini, a fim de extrair deles algumas características do fascismo que serão posteriormente mencionadas por Michela e, dessa forma, auxiliarão na compreensão de sua comunicação; recorrer aos textos de Mussolini permite pensar o fascismo a partir de seu próprio criador e, quanto à comunicação de Michela, auxilia a entender por que ela atribui certas características ao fascismo. Após as considerações feitas na análise dos textos de Mussolini pode-se passar aos comentários de Michela, que se debruça sobre a retórica fascista para mostrar como, por meio do vocabulário e de comportamentos, é possível investigar se uma determinada pessoa é fascista ou democrática – ou, pelo menos, em que medida uma pessoa é fascista, pois ao se considerar o fascismo como um método até pessoas democráticas podem agir, em algumas situações, como fascistas. Neste minicurso, o fascismo será tomado como um método, não uma ideologia, seguindo assim a classificação feita por Michela mas, também, considerando a observação feita por Umberto Eco de que o fascismo é caracterizado por sua fraqueza filosófica, pois na realidade o fascismo não possui uma filosofia, apenas uma retórica; também se adotará a perspectiva de que o fascismo não se limita à Itália do período pós Primeira Guerra Mundial e final da Segunda Guerra, mas o considerará como algo que pode se fazer presente em outros países e em outros tempos. A comunicação de Michela pode ser dividida em dois momentos: no primeiro ela faz algumas considerações teóricas preliminares para explicar qual a diferença inicial entre fascismo e democracia; no segundo, ela parte para uma análise do vocabulário e de que modo um fascista se comporta, sempre contrapondo-os ao vocabulário e comportamento democráticos. Esta estrutura será mantida no minicurso e serão ainda utilizados, como suporte à exposição, os livros *Istruzioni per diventare fascisti*, de Michela Murgia, e *Il fascismo eterno*, de Umberto Eco; quanto aos textos de Mussolini, serão utilizados alguns presentes no volume 19 de sua *Opera Omnia*, o qual contém textos que se situam nos momentos imediatamente anteriores e sucessores da tomada do poder e da instauração do Estado Fascista.

Palavras-chave: Comportamento; discurso; fascismo.

Carga horária do minicurso: 04 horas.

Cronograma:

Primeiro dia (duração: 02 horas):

- 1) Apresentação do minicurso
- 2) Leitura dos textos de Mussolini
- 3) Pressupostos teóricos de Michela Murgia

Segundo dia (duração: 02 horas):

- 1) Características da retórica fascista
- 2) Características do fascismo
- 3) Debate

³⁸ Mestrando em Filosofia (UFS). E-mail: igor-fontes@outlook.com.

RAZÃO E SENTIMENTO NAS FILOSOFIAS MORAIS DAS LUZES BRITÂNICAS

Prof. Dr. Marcos Balieiro³⁹

Resumo: Ainda que, em nossos tempos, Hobbes seja conhecido principalmente por conta de suas ideias sobre os fundamentos do Estado, seu próprio tempo se escandalizou com o que o autor tinha a dizer sobre a natureza Humana. A consideração de que o homem seria naturalmente avesso à sociabilidade e essencialmente egoísta, de forma que é o amor próprio que motiva todas as suas ações voluntárias, foi motivo de controvérsias bastante intensas. Isso fica evidente não apenas quando se observa que “hobbista” passou a ser um termo pejorativo, mas também pelo fato de boa parte do debate sobre os fundamentos da moral na filosofia britânica dos séculos XVII e XVIII ter se configurado como uma resposta à teoria de Hobbes.

Neste minicurso, trataremos, justamente, de mapear, em três encontros de duas horas, as diferentes posições assumidas nesse debate. Mostraremos, na primeira aula, as maneiras como Ralph Cudworth e Samuel Clarke procuram defender, contra o pensamento hobbesiano, que a realidade das distinções morais estaria garantida por ela ter sido inscrita na própria natureza, diretamente por Deus.

No segundo encontro, dedicar-se-á algum tempo à discussão da teoria moral de Anthony Ashley Cooper, Terceiro Conde de Shaftesbury. Como se sabe, ele teria desenvolvido uma concepção segundo a qual bem e mal morais seriam apreendidos por meio de certos sentimentos particulares, determinados por um *moral sense*. Este permitiria avaliar de maneira efetivamente moral as mais diversas ações, sempre com vistas aos benefícios que o agente causaria para um sistema que envolve toda a humanidade. Por outro lado, haveria, ainda, em Shaftesbury, espaço para conceber um desenvolvimento social da moralidade.

A terceira aula será dividida em dois momentos. O primeiro será dedicado a explicar de que maneira Bernard Mandeville retoma aspectos fundamentais da filosofia hobbesiana, com vistas a defender que o ser humano é motivado, basicamente, pela vaidade, e que características normalmente percebidas como vícios trazem inúmeros benefícios à sociedade. Essas teses, que renderam ao filósofo a alcunha de *Man Devil*, foram pesadamente criticadas por diversos autores. Um deles, Francis Hutcheson, será tema da segunda parte dessa aula, com destaque para a maneira como ele pretende estabelecer, em oposição a Hobbes e a Mandeville, uma versão bastante estrita de uma moralidade pautada por um *moral sense*.

Ao fim, de maneira bastante breve, teceremos algumas considerações sobre as maneiras como David Hume e Adam Smith poderiam ser enquadrados no debate de que as aulas tratarão.

Palavras-chave: Razão; Sentimento; Moral; Filosofia britânica moderna; Século XVIII.

³⁹ Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

INTRODUÇÃO À LÓGICA MODAL PARA FILÓSOFOS

Prof. Dr. Renato Rocha⁴⁰

Resumo: Neste minicurso quero fazer uma introdução às lógicas não clássicas, considerando principalmente, a lógica modal, que embora seja uma lógica não clássica é considerada uma lógica complementar a lógica clássica. Após fazer essa caracterização da filosofia das lógicas, abordarei aspectos históricos, filosóficos e formais da lógica modal, sobretudo concentrar-me-ei nos desenvolvimentos realizados a partir do séc. XX. Estes desenvolvimentos começam na primeira metade do século XX a partir dos trabalhos de C. I. Lewis, com a sua proposta de um novo conectivo intencional para evitar os paradoxos da implicação material e como resultado apresenta um sistema forma com sintaxe bem definida. No entanto ainda não havia uma semântica adequada para interpretar as fórmulas daquele sistema. Posteriormente, na segunda metade do século XX, com os trabalhos do filósofo Saul Kripke, deu início aos aspectos semântica para a lógica modal, com modelos baseado em mundos possíveis e na relação de acessibilidade. Os trabalhos de Kripke ficaram conhecidos por trazer de volta e restabelecer o valor da metafísica na filosofia analítica, tradição que surgiu e ficou conhecida por alguns como herdeira de um pensamento antimetafísico. Esse ressurgimento da metafísica ganhou força, a partir da segunda metade do século XX, com a publicação dos trabalhos de filósofos como David Lewis e Alvin Plantinga que avançaram em questões desde a Filosofia da Ciência até a Filosofia da Religião. Além dos aspectos históricos, desde um ponto de vista formal, pretendo apresentar os axiomas que caracterizam os sistemas modais K, T, B, S4 e S5, discutir as interações entre ele. Mostrar como essa semântica é útil para avaliação de argumentos que envolvem expressões modais. Do ponto de vista filosófico, pretendo apresentar e discutir a teoria conhecida como Essencialismo Naturalizado que retoma as noções aristotélicas de essência e propriedade essencial a partir do enquadramento oferecido pela semântica e metafísica de mundos possíveis.

Palavras-chave: Filosofia da Lógica; Lógica Modal; Semântica; Mundos Possíveis.

Carga horária: 4 a 6 horas

Cronograma:

Dia 1: aspectos históricos do desenvolvimento da lógica modal

Dia 2: aspectos formais do desenvolvimento da lógica modal

Dia 3: aspectos filosóficos do desenvolvimento da lógica modal

⁴⁰ Departamento de Filosofia (DFL/UFS).

A FILOSOFIA POLÍTICA DE JUDITH BUTLER: UM ROTEIRO DE LEITURA

Prof. Dr. Romero Venâncio⁴¹

Programa:

- I) Judith Butler: vida e obra. Um roteiro intelectual.
- II) O conceito de “Judaicidade” e defesa dos palestinos.
- III) O conceito de “vida precária”.

Palavras-chave: Judith Butler; judaicidade; vida precária.

Bibliografia básica:

BUTLER, J. **Caminhos divergentes:** judaicidade e crítica do sionismo. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2017.

BUTLER, J. **Quadros de guerra:** quando a vida é passível de luto? Trad. Sérgio Lamarao, Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BUTLER, J. Vida precária. Trad. Angelo Marcelo Vasco. **Contemporânea**, São Carlos, v.1, n.1, p.13-33, jan.-jun.2011.

⁴¹ Departamento de Filosofia (DFL/UFS).